

## A HERANÇA CLÁSSICA, OS DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES E O HUMANISMO ALEMÃO

MARÍLIA DOS SANTOS LOPES  
E PETER HANENBERG

Em 1525, junta-se ao rol de edições europeias a obra do geógrafo alemão Laurentius Frisius: *Cartha Marina*. Se no título se reconhece o intento de ser, em primeira instância, uma reimpressão – embora em formato reduzido – do planisfério gravado conhecido como *Carta marina navigatoria Portugallensium* do seu par Martin Waldseemüller de 1516, o certo é que esta edição irá introduzir uma novidade: o mapa-múndi faz-se acompanhar de um texto explicativo.

Desde 1490 que os geógrafos europeus se debatiam com uma questão: como continuar o seu trabalho baseado em obras como a do célebre geógrafo alexandrino Ptolemeu se, em presença das notícias dos descobrimentos portugueses, estes dados conhecidos se mostravam manifestamente diferentes. De facto, só em 1507 é que Martin Waldseemüller rompe o silêncio, e dá por concluído este hiato de dezasseis anos, ao publicar a sua *Cosmographiae Introductio*. A solução encontrada é retomar as tábuas antigas, de Ptolemeu, com a inserção de *tabulae novae* ou *modernae*, aonde se espelham os ensinamentos das viagens marítimas ibéricas. A este trabalho outros se seguem, como a já acima mencionada *Carta marina* de 1516, fonte documental de Laurentius Frisius. Também ele, como o próprio anuncia no prólogo da sua obra, intenta corrigir e aperfeiçoar os conhecimentos coevos, o que quer dizer "emendar" os dados transmitidos pelo grande mestre, o geógrafo alexandrino Ptolemeu.

No seguimento de Martin Waldseemüller e as suas *tabulae modernae*,<sup>1</sup> Laurentius Frisius propõe-se igualmente actualizar a cartografia ptolemaica.<sup>2</sup> A pedido do editor Johann Grüninger, um homem do seu tempo interessado pelas coisas da humanidade e em permanente diálogo com editores e letrados, Laurentius Frisius concebe e elabora um índice de terras, reinos, cidades e regiões do mundo, capaz de informar os utilizadores e leitores da carta-múndi sobre a localização e distribuição dos locais inscritos, bem como sobre os usos e costumes dos respectivos habitantes. Nestas entradas de teor dicionarista, Laurentius Frisius apresenta, concludentemente, por ordem alfabética, rubricas não só relacionadas com as terras alemãs ou europeias, mas também com as novas regiões há pouco descobertas, como seja o Cabo Verde, onde o autor, em poucas linhas, informa acerca da linda paisagem da ilha e dos seus curiosos habitantes, ou sobre a primeira cidade indiana aonde aportam os portugueses, Calecut, cidade de enorme riqueza e ostentação.

Face a este facto, urge indagar sobre como é que Laurentius Frisius teve conhecimento sobre estes insólitos e inéditos mundos novos, ou por outras palavras, quais as fontes por ele recolhidas e utilizadas para formular tão inovador e informativo instrumento de trabalho. Rapidamente se testemunha que a questão acerca da origem do material compilado pelo geógrafo é de fácil resposta. Alguns anos antes, precisamente em 1508, nas oficinas tipográficas da Alemanha, viera a lume um inovador volume, em língua latina como em língua alemã, mormente uma obra fundamental para o conhecimento das grandes viagens marítimas: a colectânea de viagens da autoria de Francanzio da Montalbolddo *Paesi nouamente retrouati Et Nouo Mondo da Alberico Vesputio Florentino intitulado*.<sup>3</sup> Esta antologia, que

---

<sup>1</sup> Martin Waldseemüller publica a *Geographia* de Ptolemeu após um lapso de 16 anos. O silêncio registado, desde 1490, tem as suas origens nas viagens dos Descobrimentos. Sobre a influência portuguesa na cartografia ptolemaica, veja-se Marques (1987: 107-111).

<sup>2</sup> Laurentius Frisius, que trabalhara com Martin Waldseemüller, publicaria também, uma edição da *Geographia*, em 1522.

<sup>3</sup> Tradução alemã por Jobst Ruchamer, *Neue unbekante landte und ein neue weldte in kurtz verganger zeythe erfunden*, Nuremberga, 1508.

reúne relatos de viagens entre as mais célebres como as de Alvise da Ca' da Mosto, Pedro Álvares Cabral, Américo Vespúcio e Cristovão Colombo, permite, ao fornecer dados imprescindíveis para uma urgente reconstrução do mapa-mundo, acompanhar o valioso e prestimoso contributo dos recentes descobrimentos geográficos.

Ao compilar informações sobre o mundo recentemente descoberto num apêndice à *Cartha Marina*, Laurentius Frisius dá expressão ao seu reconhecimento pelo surpreendente mérito que os feitos marítimos portugueses traduzem para a tão pretendida representação do mundo. Que se trata de um documento raro e de grande qualidade, poder-se-á confirmar no cuidado e importância atribuídos pelo editor a esta publicação. Sublinhe-se o facto de a obra ser profusa e ricamente ilustrada; alguns exemplares são até coloridos, atributo do valor que lhes é reconhecido na esteira do apreço sempre dado à feitura de mapas-mundo.

Já a primeira edição, em 1525, inclui um elevado número de gravuras, muitas destas relacionadas com regiões até então ignotas. Por exemplo, no apontamento sobre Cabo Verde, onde reencontramos as descrições, senão mesmo as palavras, de Alvise de Ca' da Mosto, aparece uma das primeiras ilustrações de um povo da costa ocidental africana; numa almadia navegam vários homens negros apontando os seus arcos e flechas. Se neste caso a caracterização se aproxima da realidade registada por Alvise da Ca' da Mosto, pelo contrário na abordagem de um povo de canibais residentes nas ilhas ocidentais, deparamos com uma gravura que nos recorda os seres monstruosos e fantásticos descritos, entre outros, por Pompónio Mela, Solino, Plínio e Isidoro de Sevilha, e impressos na renomeada crónica-mundi do humanista Hartmann Schedel.<sup>4</sup>

Uma leitura atenta do texto de Laurentius Frisius revela que esta menção e referência ao corpus documental da Antiguidade Clássica não se reflectem apenas na feitura de gravuras. Também no texto, é o saber herdado o grande mentor do discurso produzido. Na verdade, e apesar do intuito expreso de

---

<sup>4</sup> Schedel (1493).

aperfeiçoar os dados já conhecidos, o comentário de Frisius não deixa de se fundamentar nos escritos dos autores clássicos. Se, por um lado, esta obra resulta de um grande interesse, quer da parte do autor quer dos editores, em dar conhecer ao público o mundo até então desconhecido – curiosa e significativamente denominado de mundo extra-Ptolemeu –,<sup>5</sup> por outro lado os dados coevos são vistos em função das primícias traçadas pelos autores greco-romanos. Segundo os letrados do século XVI, aperfeiçoar será, acima de tudo, completar, isto é, neste momento de revelação, importa assenhorear-se dos elementos revelados para os reunir aos princípios vigentes. Conhecer novos contornos e características do orbe terrestre significa dispor de um vasto e imenso banco de dados coevos ou já formulados, isto é, signos escritos, ouvidos ou vistos, capazes de reformular a prosa do mundo.

Neste sentido, Laurentius Frisius compila dados de ambas as origens, pois, também ele, formaliza a ideia de que o bosquejo de um novo mundo só estará completo na junção destes dois estádios de saber. Considera assim imperioso recolher os elementos agora revelados, não porque admita que estes possuam maior credibilidade do que o saber existente, mas porque constituem um outro patamar de informações sobre o mundo. Tal como outros eruditos seus contemporâneos, Laurentius Frisius partilha da opinião de que se descobriu um novo mundo,<sup>6</sup> quer este se situe em África, na Ásia, ou na América, pois, a seu ver, o que o distingue, em primeira linha, do já delineado, é que este mundo há pouco achado é completamente desconhecido dos antigos. Este é um dos temas centrais do debate coevo entre os homens de letras europeus. Não obstante estivessem atentos ao presente, e pretendessem organizar uma nova compilação do saber, os seus alicerces e fundamentos residem nos degraus do edifício anteriormente

---

<sup>5</sup> Por exemplo, H. Glareanus (1527) e J. Schöner (1533) escrevem sobre "De Regionibus Extra Ptolemaeum", e é nestes capítulos que referem as viagens dos portugueses.

<sup>6</sup> Quanto ao conceito "novo mundo" gostaríamos de o utilizar, tal como os autores alemães do século XVI, ou seja, abrangendo a parte meridional do continente africano, o Oriente e a América. Veja-se, Lopes (2001).

construído; por enquanto, o seu olhar permanece fiel ao passado. Assim é que nos seus textos não se constata qualquer hesitação metodológica, nem qualquer corte com a herança da geografia clássica e medieval, pelo que a avaliação e a integração dos novos dados põe em marcha um longo processo de ponderação e comprovação do saber transmitido pelos relatos dos navegadores portugueses.<sup>7</sup> Se, por um lado, se reconhece um valor inestimável às viagens marítimas e se atribui um significado incalculável ao saber adquirido, acentuando-se com empenho a particularidade do saber visto, por outro lado não se descarta o manancial de testemunhos anteriormente revelados. A escrita irá preservar os dois depoimentos sem presenciar alguma oposição aparente; as duas propostas explicativas irão coexistir com vista a formular uma nova enciclopédia, uma nova suma do saber.

Na rubrica reservada aos canibais, Laurentius Frisius fornece alguns esclarecimentos sobre o que se sabe acerca destes povos, afirmando tratar-se de homens com cabeça de cão bastante perigosos. A este primeiro patamar de informação, acrescenta a novidade de que o genovês Cristovão Colombo acabara de encontrar canibais nas ilhas ocidentais. Este núcleo informativo será tomado à letra para a feitura da respectiva ilustração. Assim, seguindo o texto de perto, a gravura a uma cena de canibalismo entre cinocéfalos. Após a captura de vítimas, simbolizada pela figura que ainda se encontra amarrada ao dorso de um quadrúpede – talvez um camelo ou um lama –, ao centro, o acto de esquartejamento: o decepador, mão no ar, prepara-se para cortar; em cima de um cepo jazem restos de um corpo, entre estes, a cabeça da vítima, enquanto um outro cinocéfalo, um pouco mais afastado, se delicia com um braço. Ao fundo, talvez em analogia a um açougue, um estendal das peças anteriormente decepadas: pernas, braços estão expostos

---

<sup>7</sup> Largamente difundido e discutido, o descobrimento do Brasil levará vários anos até que seja integrado correctamente nas obras geográficas do século XVI. Assinalado como uma ilha, ou várias ilhas, só com o passar do tempo será visto como parte de um grande continente. E mesmo quando a representação cartográfica já é correcta, os novos dados aparecem, durante o século XVI, nas obras geográficas como um dado suplementar ou uma anotação à margem. Ainda em 1584, na *Cosmographia* de Peter Apianus, editada por Gemma Frisius, se publicam as informações das empresas marítimas portuguesas num anexo final.

num pau, provavelmente um espeto, como se conhece de outras ilustrações alusivas a canibais, representação esta que se irá tornar *topos*.



A gravura visa, por conseguinte, formular iconograficamente a imagem do texto escrito; letra a letra, aspira-se a uma visualização do código escrito, o que não surpreende, uma vez que a arte gráfica dos inícios do século XVI se entende essencialmente como um complemento da palavra. A imagem só é válida em função da ideia aí expressa, e só muito lentamente os gravadores e pintores se irão libertar do peso da palavra.<sup>8</sup> Além disso, estes trabalhos seriam feitos por artistas que apenas tinham o texto como fonte, pelo que, na sua interpretação, se reflectem os símbolos tradicionais e conhecidos. Aqui, como em qualquer outro ramo do saber, o peso da tradição dita as regras, fornece os símbolos e o significado da representação. Assim, quando se fala de canibais existe toda uma gramática que urge respeitar.

---

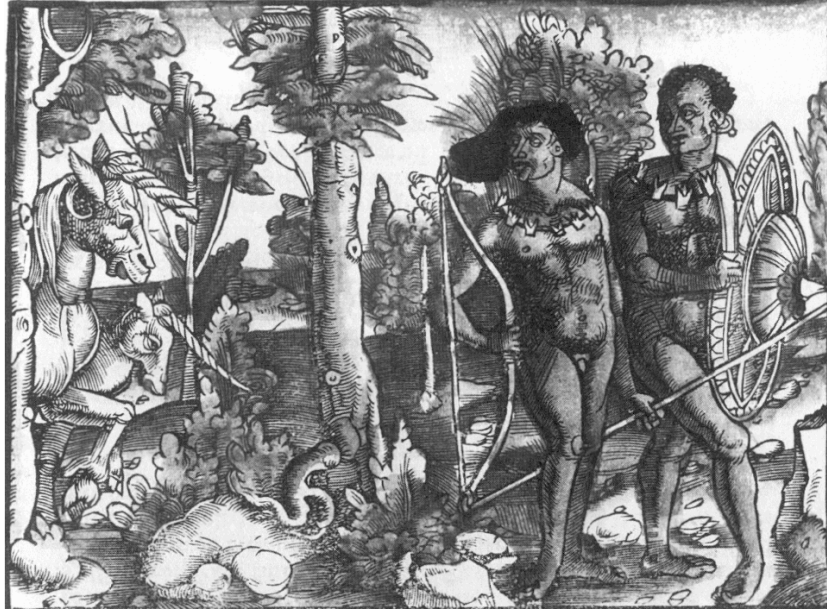
<sup>8</sup> Veja-se sobre a linguagem da arte gráfica alemã nos inícios da Idade Moderna, Warncke (1987) e também Lopes (1998).

Na análise do processo de recepção e avaliação das informações referentes aos novos mundos salienta-se, muitas vezes, a influência da atracção pelo exótico, o fascínio pelo diferente. Sabendo que não podemos negligenciar o papel do exotismo na assimilação das novidades, gostaríamos, contudo, de chamar a atenção para o facto de que a representação de canibais, ou qualquer outro tema relacionado com usos estranhos e fantásticos dos povos recém-descobertos, é, antes de mais, e numa primeira fase, uma reposição dos dados e códigos reunidos ao longo dos séculos passados. Os monstros humanos e fantásticos descritos por Pompónio Mela, Solino, Plínio, entre outros, já existiam no imaginário europeu antes das viagens dos descobrimentos, e vão permanecer até que se reúnam as provas concretas da sua inexistência. Esta galeria de seres monstruosos e fantásticos é, por isso, aceite como parte de uma herança cultural legada por autores a quem se reputa grande autoridade.<sup>9</sup>

Vejamus um outro exemplo. Na gravura alusiva à terra do Brasil, embora a caracterização dos seus habitantes seja mais "realística", comparada com a dos cinocéfalos, encontramos contudo, ao lado do casal brasileiro, e a completar a paisagem da terra recentemente descoberta, dois unicórnios, ou licórnios, um conhecido símbolo mitológico referente ao Oriente. Se, por um lado, é urgente registar a diversidade e a multiplicidade de gentes até agora desconhecidas, incrementando-se o seu conhecimento, por outro é fundamental estabelecer a continuidade com os símbolos e valores da cultura europeia. Assim, o Brasil, – ou a América em geral –, visto como prolongamento das Índias, é o espaço ideal para o ressurgimento da geografia mítica, mormente o "renascimento" dos unicórnios.

---

<sup>9</sup> A existência destes seres monstruosos e fantásticos estava comprovada pela autoridade dos testemunhos existentes, nomeadamente a Bíblia e os autores clássicos, pelo que estes também viriam a ser objecto de estudo de natureza científica. É o caso, por exemplo, da obra de C. Gesner (1585), ou a do médico francês Ambroise Paré (1573).



Nesta atitude de converter as duas fontes, a novidade e a visão do mundo herdada, numa nova suma de saber, ainda não se põe em dúvida o conhecimento de raiz erudita. De facto, neste momento não se tem a intenção de diferenciar pormenorizada e categoricamente entre as várias regiões e os diferentes povos recentemente descobertos. Note-se, por exemplo, o facto de o casal brasileiro ser negro. Curiosamente, a sua aparência e o seu modo de estar recordam os povos da Guiné retratados pelo desenhador Hans Burgkmair no relato de viagem de Balthasar Springer.<sup>10</sup> Lendo o comentário, verificamos que os brasileiros foram recentemente descobertos, como os povos da costa ocidental africana, que andam nus como eles, e que também se assemelham aos animais na sua maneira de viver, sem casas e sem instrumentos de trabalho. Os dados referenciados, até as palavras utilizadas para descrever os dois povos, são os mesmos, pelo que se misturam os signos. Nesta

---

<sup>10</sup> Balthasar Springer, que viajara na armada de D. Francisco de Almeida (1505), viria a deixar um relato desta sua viagem (1509) ilustrado pelo conceituado pintor e gravador alemão Hans Burgkmair.



altura, o que é próprio do saber é interpretar, é procurar semelhanças. As similitudes, importantes factores comuns da escrita, como salientou Michel Foucault, ditam a disposição e a ordem das informações, quer no texto, quer na imagem iconográfica.

Esta postura de conciliar as duas realidades informativas que encontramos presente na *Cartha marina* de Laurentius Frisius é, sem dúvida, uma constante das publicações alemãs do século XVI, e até mesmo de grande parte do século XVII. Neste vasto espectro de escritos movimentam-se certamente diferentes esferas de pensar. Por exemplo, o gramático e latinista Conrad Lycosthenes pretende única e exclusivamente editar uma exaustiva exposição das maravilhas criadas por Deus. Esta sua obra, primeiramente publicada em latim, viria a lume também em língua alemã.<sup>11</sup>

Segundo o título do último capítulo, a obra já estaria pronta, quando o autor, em conformidade com as recentes notícias, lhe acrescentou alguns passos no texto. Assim, começa por contar que os navegadores portugueses na sua viagem até Calecut teriam encontrado, numa ilha, gentes que teriam dois braços do lado direito, orelhas de burro e, cujo pé direito seria como o de um cavalo. No entanto, e logo a seguir a este pequeno relato, prossegue com as conhecidas descrições de acéfalos, de egíptanos, pigmeus, ciclópides, homens orelhudos, cinocéfalos, monóculos, etíopes com quatro olhos, etc. A referência às viagens dos navegadores portugueses serviu apenas para sugerir alguma actualidade à sua obra, dado que o autor logo abandona o tema em questão, a fim de mencionar todos os seres monstruosos e fantásticos do reportório herdado. Além disso, o exemplo mencionado parece ser escolhido apenas para comprovar a existência de criaturas extraordinárias, uma vez que se enquadra neste panorama de seres fantásticos. Neste caso, estamos perante uma obra em que a novidade é adaptada aos padrões usuais. É um exemplo extremo de uma recepção parcial, senão mesmo deturpada, das mensagens.

---

<sup>11</sup> Lycosthenes (1557); tradução do latim por Johann Herold.

No entanto, os autores germânicos consideram cada vez mais determinante que, para se alcançar o verdadeiro conhecimento, é preciso adicionar os dois tipos de informação. Sebastian Münster, conceituado geógrafo e hebraísta, põe em prática este método de análise e interpretação na sua *Cosmographia*.<sup>12</sup> Esta obra que irá testemunhar um sucesso similar à já mencionada *Crónica* de Hartmann Schedel, vem a lume pela primeira vez em 1544, e publicar-se-á em várias edições, e em diversas línguas até 1650, mesmo depois da morte do seu autor.

Numa carta ao rei Gustavo da Suécia, o próprio Sebastian Münster esclarece que o seu trabalho consiste em juntar os novos dados às informações existentes, para que estes lhes transmitam novos valores, e as antigas às novidades a fim de lhes conferir mais credibilidade – método bem ao jeito da suma de saber tão ambicionada pelos homens de letras europeus.<sup>13</sup> Assim, também este ilustre e insigne humanista, conhecedor de Damião de Góis e da sua obra, ornamenta a sua cosmografia com gravuras de acéfalos, cinocéfalos, ciclopedes ou monóculos, pois, como alude numa passagem, são as referências e as informações de que dispõe sobre certas regiões, mormente a obra de Plínio, dado que até ao momento ainda não teve outras contrárias.<sup>14</sup> Aliás, uma das gravuras com seres fabulosos aparece sintomaticamente nos capítulos dedicados aos inícios da humanidade e ainda em alguns deles sobre o continente africano e o asiático. Importa, contudo, salientar que, em meados do século XVI, esta ilustração vai desaparecer do continente africano, sendo substituída pela imagem de um africano negro, e que, no continente asiático, ela vai recuar para zonas mais distantes e menos exploradas. Neste sentido, se podemos testemunhar que a *Cosmographia* de Münster permanece fiel aos princípios da geografia de raiz erudita, o certo é que as

---

<sup>12</sup> Münster (1544-1650).

<sup>13</sup> "Neues habe ich mit Altem verbunden und Altes mit Neuem, um so dem Alten neuen Wert, dem Neuen Ansehen, dem Abgenutzten Glanz, dem Dunklen Licht, dem Verschmüthen Anmut, dem Zweifelhaften, soweit es möglich war, Gewissheit zu verleihen". Sebastian Münster ao rei Gustavo da Suécia, (Basileia, 1550). In: Briefe Sebastian Münsters (1964: 169-171).

<sup>14</sup> Münster (1544), folha dccix.

novas informações vão tomar conta, a pouco e pouco, dos espaços em branco ou daqueles menos conhecidos. Entre 1544 e 1628 verifica-se um aumento progressivo dos capítulos e das respectivas informações, podendo testemunhar-se, de edição em edição, uma permanente correcção do texto escrito neste processo de contínua modificação e aperfeiçoamento; é assim que nas páginas mais recentes se vão citar inúmeros escritos de autores portugueses, fontes informativas do mundo agora revelado.<sup>15</sup>



No anseio de conhecer o mundo e as coisas da humanidade, os letrados europeus, como Laurentius Frisius e Sebastian Münster, compilaram um acervo documental fundamental e decisivo sobre as grandes viagens dos descobrimentos. E mesmo tendo em consideração as suas reservas metodológicas, o certo é que eles contribuíram significativamente para um novo fundamento epistemológico. Assim, como pretendiam caminhar nos trilhos e pegadas da herança clássica, também se

<sup>15</sup> Cf. Lopes (1990: 205-308).

interessavam pelos estonteantes desafios dos novos mundos nunca vistos. O lema do seu labor era sempre o mesmo: buscar e perceber as maravilhas do orbe terráqueo.

## BIBLIOGRAFIA

- LAURENTIUS FRISIUS (1525), *Uslegung der mercarthen oder Cartha marina, Darin man sehen mag/ wo einer in der Welt sey, vnd wo ein yetlich Landt/ wasser vnd Stadt gelegen ist, Das ist in dem büchlin züfinden*, Estrasburgo.
- CONRAD GESNER (1585), *Historiam Animalum*, Liber III, Frankfurt/M.
- HENRICUS GLAREANUS (1527), *Geographia liber vnus*, Basileia.
- CONRAD LYCOSTHENES (1557), *Wunderwerck oder Gottes vnergründliches Vorbild...*, Basileia.
- FRANCANZIO DA MONTALBOLDDO (1507), *Paesi nouamente retrouati Et Nouo Mondo da Alberico Vesputio Florentino intitulado*, Vincenza. (Tradução alemã por Jobst Ruchamer (1508), *Neue unbekante landte und ein neue weldte in kurtz verganger zeythe erfunden*, Nuremberga.)
- SEBASTIAN MÜNSTER (1544-1650), *Cosmographia*, Basileia.
- Briefe SEBASTIAN MÜNSTER*, (ed.) Karl Heinz Burmeister, Frankfurt/M., 1964.
- AMBROISE PARE (1573), *Des monstres et prodiges*, Paris.
- HARTMANN SCHEDEL (1493), *Register des buchs der Croniken vnd geschichten...*, Nuremberga.
- JOHANNES SCHÖNER (1533), *Oposculum geographicvm*, Nuremberga.
- BALTHASAR SPRINGER (1509), *Die Merfahrt vnd erfahrung nüwer Schiffung vnd Wege zu viln onerkanten Inseln vnd kunigreichen/ von dem groámechtigen Portugalichen Kunig Emanuel Erforscht...* (Oppenheim).
- MARTIN WALDSEEMÜLLER e MATTHIAS RINGMANN (1507), *Cosmographiae Introductio...*, Saint Dié.
- MARTIN WALDSEEMÜLLER (1513), *Claudii Ptolemei uiri Alexandrini Geographie opus nouissima traductione*, Estrasburgo.
- MICHEL FOUCAULT (1981), *As palavras e as coisas. Uma arqueologia das ciências humanas*, São Paulo.
- MARÍLIA DOS SANTOS LOPES (1990), Portugal: uma fonte de novos dados. A recepção dos conhecimentos portugueses sobre África nos discursos alemães dos séculos XVI e XVII. In: *Mare Liberum*, N°1, pp. 205-308.
- MARÍLIA DOS SANTOS LOPES (1998), *Coisas maravilhosas e até agora nunca vistas. Para uma iconografia dos descobrimentos*. Lisboa.
- MARÍLIA DOS SANTOS LOPES (2002), *Da descoberta ao saber. Os conhecimentos sobre África na Europa dos séculos XVI e XVII*. Viséu.
- ALFREDO PINHEIRO MARQUES (1987), *Origem e desenvolvimento da cartografia portuguesa na época dos descobrimentos*, Lisboa.
- CARSTEN-PETER WARNCKE (1987), *Sprechende Bilder – sichtbare Worte. Das Bildverständnis in der frühen Neuzeit*, Wiesbaden.
- DIETER WUTTKE (1989), *Humanismus in den deutschsprachigen Ländern und Entdeckungsgeschichte 1493-1534*, Bamberg.